

## IDEOLOGIA E (A RECALCADA) POLÍTICA EM “IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO”: APONTAMENTOS PARA UMA LEITURA SINTOMAL.

João Pedro de Souza Barros Santoro Luques<sup>1</sup>

### Introdução

O artigo *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (I-AIE)* é uma das mais importantes contribuições althusserianas para o materialismo histórico, em geral, e para a teoria da Ideologia, em particular. Desde sua publicação, tal texto aparece como uma referência praticamente incontornável a qualquer pensador interessado em temas como: teoria da Ideologia, identidades, teorias da subjetividade, etc. Vide, por exemplo, os casos de Žižek<sup>2</sup> e Butler<sup>3</sup>, dois teóricos não-althusserianos, mas que elaboram suas formulações em um profícuo diálogo com as teorizações do filósofo franco-argelino.

Escrito, como mostraremos na próxima seção, em um período de extrema efervescência política na França, tal texto provocou calorosas reações nos meios políticos e intelectuais. Dentre essas, uma das mais recorrentes, fora a acusação de funcionalismo. Como o próprio Althusser relata: “a acusação mais frequente que fora atribuída a meu ensaio de 69-70 fora a de funcionalismo”<sup>4</sup>. Para tais críticos, haveria ali uma tendência a “definir os órgãos por suas funções imediatas”<sup>5</sup>, a “congelar a sociedade em suas instituições ideológicas encarregadas de exercer funções de assujeitamento”<sup>6</sup>.

Se tal atribuição de funcionalismo é, a nosso ver, equivocada<sup>7</sup>, ela não deixa de tocar num ponto sintomático: *Althusser, de fato, aborda a questão da Ideologia a partir do ponto de vista da reprodução*. E, a nosso ver, tal escolha cobra seu preço. No caso, o preço a se pagar é um desvanecer da questão da luta de classes. Um enfraquecimento do peso da luta de classes que, como tentaremos demonstrar, se expressa no aparecimento de lacunas, silêncios e contradições no corpo do texto. Mais especificamente, além de tentar contextualizar o artigo althusseriano em sua conjuntura política e, destacando suas influências teóricas, expor suas principais teses relativas à ideologia, nosso objetivo neste ensaio é defender a seguinte tese: *ao optar pelo prisma da reprodução (mais especificamente, da reprodução das relações de produção), deixando, assim, de se posicionar teoricamente sob o ponto de vista da revolução, Althusser imprime em seu texto contradições, lacunas, sintomas do elemento revolucionário recalcado*. Sintomas estes que, quando deixados falar, revelam o que encontra-se latente em um texto aparentemente abstrato e formal: um conteúdo político explosivo. Uma potência revolucionária brutal que, mesmo quando recalcada, deixa no texto suas marcas.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina – PR; e mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina – PR, e-mail para contato: joaopedrosbsluques@gmail.com

<sup>2</sup> Žižek, Slavoj: “The Sublime Object of Ideology”, en *Mapping Ideology*. Londres e Nova Iorque: Verso, 1994.

<sup>3</sup> Butler, Judith: *The Psychic Life of Power*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

<sup>4</sup> Althusser, Louis: *Sur la Reproduction*. Paris: Presse Universitaire de France, 1995. p. 253, tradução nossa.

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> Como ficará claro nas seções abaixo, trata-se muito mais de spinozismo do que de funcionalismo.

## Conjuntura teórico-política

Produto de um esforço inconcluso por parte de Althusser de escrever uma obra em dois tomos<sup>8</sup> sobre materialismo histórico e filosofia, I-AIE fora escrito em 1969 e publicado em 1971. Período esse, nada desprezível para o entendimento do argumento exposto no ensaio. Vejamos isso em mais detalhes.

Em primeiro lugar, tal data sinaliza a longa caminhada de Althusser e seu grupo em seu estudo sobre a questão da Ideologia. “Ideologia vs Ciência”, “Ideologia enquanto erro”, “Continuidade da Ideologia no Socialismo”, “Ideologia e Humanismo”, diversas eram as formulações que se retificavam, se substituíam ou, apenas, multiplicavam-se paralelamente nas diferentes obras produzidas durante a década de 60<sup>9</sup>, de tal maneira que I-AIE é apenas um (importantíssimo) marcador de uma trajetória teórica que já durava cerca de uma década (e que continuaria seu tortuoso caminho nos próximos anos).

Mas se o acúmulo teórico já vinha de longa data, o fim da década de 60 é um período decisivo em tal trajeto, algo de decisivo ocorreu no final dos anos 60. A conjuntura política francesa explicita a necessidade de uma teoria mais sistemática da Ideologia. Lembremos, afinal, que no início do ano de 1968, alguns estudantes franceses são presos por quebrar o vidro de um prédio da American Express e por protestar contra a guerra do Vietnã. Em resposta, ocorrem massivas manifestações de rua, ocupações de prédios públicos e, por fim, a maior greve geral da história da França até então. Estudantes protestam ao lado de trabalhadores. A França passa por uma massiva efervescência social. Família, educação, imperialismo, moral sexual, poucos aspectos permanecem intocados. Explode, para usar palavras do próprio Althusser, “uma crise, de uma profundidade sem precedentes, que por esse mundo afora abala o sistema escolar dos Estados, muitas vezes conjugada com uma crise (já anunciada no Manifesto) que sacode o sistema familiar”<sup>10</sup>.

Entretanto, apesar do audacioso enfrentamento iniciado, o movimento se dissipa, é derrotado, O Partido Comunista Francês usa sua hegemonia sobre a CGT (Confederação Geral do Trabalho) para arrefecer o movimento<sup>11</sup> e separar os trabalhadores dos estudantes. O encontro entre eles não dá liga, eles se separam em suas identidades. Como disse Althusser:

Um encontro pode ocorrer, e pode não ocorrer. Ele pode ser um ‘breve encontro’, relativamente acidental, o qual não leva a nenhum tipo de fusão de forças. Esse foi o caso de Maio, onde o encontro entre trabalhadoras, por um lado, e estudantes e jovens trabalhadores

<sup>8</sup> O primeiro tomo, o único escrito, fora publicado, postumamente, em 1995 com o título *Sur la Reproduction* (Sobre a Reprodução).

<sup>9</sup> Vide as obras *Por Marx* e *Ler o Capital*, bem como os textos *Três Notas sobre a Teoria dos Discursos* e *Freud e Lacan*. Para uma comparação entre essas primeiras formulações e a teoria exposta em I-AIE, vide Montag (2013).

<sup>10</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1980, p.68.

<sup>11</sup> “Basta ver como o Partido soube “digerir” os eventos de Maio, os integrar à sua linha tradicional, como em particular ele soube tratar o movimento estudantil, para ver que ele é bastante capaz de amortecer mesmo um movimento de massa de grande amplitude, e de preservar a direção. A política atual, que consiste em colocar à frente a GCT e continuar a subsistir na sua sombra, essa divisão do trabalho hábil e eficaz prova que o Partido possui uma grande margem de manobra”. Ver em: Althusser, Louis: *Como Alguma Coisa de Substancial Pode Mudar no Partido?* 2020. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/althusser/1970/04/28.htm#r3> . Acesso em: 06 Ago 2021.

intelectuais, por outro, foi um breve encontro que não levou [...] a nenhum tipo de fusão”<sup>12</sup>.

Enfim, um movimento de massas questiona a ideologia dominante, e ela responde, contra-ataca fragmentando o movimento e, nesse processo, acaba por revelar algo de si (sua materialidade, seus mecanismos de funcionamento, etc.). Nesse sentido, levando em conta tal conjuntura política, a teoria exposta em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*<sup>13</sup> pode ser lida como uma espécie de reflexão à luz do combate ideológico travado no Maio de 68, bem como da surpreendente resiliência da ideologia dominante verificada no período. Vejamos como tal teoria se apresenta.

### **Teoria da Ideologia e suas influências**

Tal reflexão althusseriana sobre a Ideologia parte de uma questão: qual o papel da Ideologia na reprodução do Modo de Produção Capitalista (MPC) e, mais especificamente, na reprodução das relações de produção capitalistas? Sabemos que a Ideologia garante que os indivíduos ocupem o lugar de suporte/portador (*Träger*) para a reprodução das relações de produção, que a ideologia é o que faz a “função-Träger” funcionar<sup>14</sup>. Mas como exatamente isso se dá?

Aqui, começamos a adentrar num caminho inexplorado, num pedaço até então desconhecido do continente da história. E inexplorado e desconhecido não apenas porque ninguém ousou trilha-lo, mas porque estava bloqueado, bloqueado por ninguém menos que os próprios Marx e Engels.

É sabido que em *A Ideologia Alemã*, a Ideologia é entendida como uma espécie de reflexo invertido e distorcido da produção material, uma “imagem invertida” gerada na mente dos indivíduos por determinadas formas de vida e de produção: “se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico”<sup>15</sup>. Ou seja, nessa formulação marxiana e engelsiana, a ideologia é uma mera “inversão fantasmática do mundo real”<sup>16</sup>, sendo, portanto, desprovida de autonomia e eficácia própria. “A ideologia é então concebida como pura ilusão, puro sonho”<sup>17</sup>.

E é justamente por isso, justamente devido a tal conceitualização, que a via de formulação de uma teoria da Ideologia encontrava-se bloqueada. Afinal, se a Ideologia é mero reflexo, mera inversão, como teorizá-la? O verdadeiro objeto teorizável, a verdadeira chave para seu entendimento, é externo à ela (a “vida real”, a “produção real”). O que tem de real é a produção, as formas de vida, a Ideologia é um mero efeito deles. “Toda sua realidade está fora de si

<sup>12</sup>Althusser, Louis: “Louis Althusser's Letter on the "May Events", 2018. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/3851-louis-althusser-s-letter-on-the-may-events>. Acesso em: 05 Ago 2021.

<sup>13</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Op. Cit.

<sup>14</sup> Althusser, Louis: *The Humanist Controversy and Other Writings (1966-67)*. Nova Iorque e Londres: Verso, 2003.

<sup>15</sup> Marx, Karl e Engels, Fredrich: *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 94.

<sup>16</sup> Gillot, Pascale: *Althusser e a Psicanálise*. São Paulo: Ideias e Letras, 2018, p. 78.

<sup>17</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Op. Cit., p.72.

própria"<sup>18</sup>. Tal como o sonho antes da psicanálise, a Ideologia era reduzida a um mero *non-sense*<sup>19</sup>.

Dessa forma, frente a uma tese que interditava o pensamento sobre a Ideologia (“a Ideologia é um reflexo invertido da produção material”), Althusser sustenta sua reflexão sobre tal objeto propondo umas contra-tese, uma tese que, visando neutralizar os efeitos paralisantes da tese marxiana e engelsiana acima descrita, terá a função de desbloquear o caminho da teoria: “na ideologia, o que é representado não é o sistema de relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos com as relações reais em que vivem”<sup>20 21</sup>. Agora, a Ideologia não está mais nas relações reais, ela não é um mero efeito delas, ela está na relação imaginária dos indivíduos com as relações reais. O que antes era apenas um epifenômeno, uma imagem invertida, ganha consistência própria. Entre os indivíduos e as relações reais aparece um objeto novo (relações imaginárias) e, portanto, teorizável. Com a tese de Althusser, a Ideologia ganha eficácia, torna-se possível pensá-la enquanto objeto.

A ideologia se torna, finalmente, um objeto para a teoria. Porém, existe ainda um outro perigo que precisa ser evitado: a tese de que Ideologia se trata de ideias. De nada adiantaria poder pensar a Ideologia enquanto objeto teórico (relativamente) autônomo para, movimento contínuo, aprisioná-la no mundo das ideias. O objeto, recém conquistado para a teoria, seria aqui limitado por uma filosofia dualista e idealista. A Ideologia seria teorizável, mas sua relação com “mundo material” (com as instituições que as sustentam, com as práticas política, científica, artística, etc.) estaria interditada ou, no mínimo, parcialmente obstruída. A Ideologia até seria um objeto, mas um objeto ideal. Nesse sentido, justamente visando evitar esse idealismo no trato da Ideologia, Althusser sustenta sua reflexão numa segunda tese: “a ideologia tem uma existência material”<sup>22</sup>. Ou seja, para Althusser, não existem ideias puras, inatas, toda ideia é produto de uma prática material, ideia é o que é excretado por uma prática material. Ideias não advêm de ideias, ou da “consciência” das “pessoas”, mas sim de práticas materiais, de rituais, etc. Aqui a inspiração é dupla, por um lado, Espinosa que pensava “a relação entre a ideologia religiosa do povo judeu e sua existência material no templo, nos sacerdotes, nos sacrifícios, nos costumes, nos rituais, etc”<sup>23</sup> e, por outro, Pascal, em sua famosa exortação que sintetiza brilhantemente tal tese althusseriana: “ajoelhai-voz, mexei os lábios como se fosseis rezar, e sereis crentes”<sup>24</sup>.

E assim, é justamente seguindo essa tese materialista que Althusser afirmará a famosa tese de que a Ideologia é materializada em Aparelhos Ideológicos de Estado, ou seja, para ele, a Ideologia se realiza em práticas e rituais imanentes a diversos Aparelhos (aparelho escolar, aparelho familiar, aparelho jurídico, aparelho político, aparelho sindical, aparelho de informação, aparelho cultural)<sup>25</sup>. A “ideologia é imanente a seus aparelhos e suas práticas; ela não tem existência fora desses aparelhos e é inteiramente coincidente com eles”<sup>26</sup>. A Ideologia

<sup>18</sup> *Id.*

<sup>19</sup> Gillot, Pascale: *Althusser e a Psicanálise. Op. Cit.*

<sup>20</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado, Op. Cit.*

<sup>21</sup> Espinosa, que afirmava que “Deus (como já demonstrei) só é revelado aos profetas de acordo com conteúdo de sua imaginação”. Ver em: Espinosa, Baruch: *Pensamentos Metafísicos; Tratado de Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973. Essa que é uma importante inspiração para tal tese Althusseriana.

<sup>22</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado, Op. Cit.*, p. 83.

<sup>23</sup> Althusser, Louis: *The Future Lasts Forever: A Memoir*. Nova Iorque: The New York Press, 1993, p. 271.

<sup>24</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado, Op. Cit.*, p. 88.

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> Montag, Warren: *Althusser and His Contemporaries: Philosophy's Perpetual War*. Durham e Londres: Duke University Press, 2013, p. 151-152

consiste de rituais e práticas e os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam como seus agregadores.

Enfim, uma vez liberado o caminho para a teorização e afastado o perigo do idealismo, podemos, finalmente, responder à nossa pergunta inicial: como a Ideologia garante que os lugares necessários para a reprodução das relações de produção sejam ocupados? Que a função-Träger funcione? A resposta Althusseriana é direta: *dando identidades*, ou, para usar a linguagem de Althusser, interpelando indivíduos enquanto sujeitos, fazendo-os acreditar que são sujeitos: “[...] a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição que consiste o funcionamento de toda ideologia [...]”<sup>27</sup>. Ou seja, ideologia é um complicado processo no qual, através de práticas materiais, indivíduos são identitarizados (ganham uma identidade, um “Eu”) para ocupar os locais necessários à produção. “[...] Ela [a ideologia] os interpela de tal forma que o sujeito responde ‘sim, sou eu!’; [...] ela obtém deles o reconhecimento que eles ocupam de fato o lugar que ela lhes atribuiu no mundo, uma residência fixa: ‘é verdade, estou aqui, operário, patrão, soldado’”<sup>28</sup>.

Mas poderíamos questionar: como exatamente formam-se essas identidades, esses sujeitos? Responde Althusser: através de uma reflexão especular de um Sujeito (maiúsculo) central, tomando para si uma identidade que é dada por um Sujeito. Ou seja, para a teoria althusseriana, todo constructo ideológico se organiza na fórmula Sujeito-sujeito, ou seja, numa relação na qual um Sujeito (Deus, Leis, Raça) se reflete nos indivíduos e dá a eles sua identidade (cristão, sujeito de direito, branco), converte-os em sujeitos. O exemplo mobilizado por Althusser é o da religião:

Temos portanto que a interpelação dos indivíduos como sujeito supõe a ‘existência’ de um Outro Sujeito, único e central, em Nome de quem a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos como sujeitos. Tudo isto está escrito claramente naquilo a que precisamente se chama a Escritura. ‘Naquele tempo’, o Senhor Deus (Yaweh) falou a Moisés na nuvem. E o Senhor chamou ‘Moisés!’. ‘Sou (de fato) eu!’, disse Moisés, ‘sou Moisés o teu servidor, fala e escutar-te-ei!’. E o Senhor falou a Moisés e disse-lhe: ‘Sou Aquele que É’”<sup>29</sup>.

Deus, Aquele que simplesmente É, dá uma identidade, forma um sujeito: clama “Moisés!” e esse se reconhece “Sou eu!”.

Nessa fundamental teorização, Althusser bebe de uma fonte não declarada, mas bastante importante. Estamos falando de Sigmund Freud<sup>30</sup>, mais especificamente de seu *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (texto o qual, de acordo com Pascale Gillot<sup>31</sup>, fora encontrado nos arquivos pessoais de Althusser acompanhado de anotações). Neste escrito de 1921, Freud, pensando o papel de líderes (Sujeitos?) na formação de massas na igreja e no exército, nos fornece exatamente o modelo de reflexão que será reproduzido por Althusser exatamente cinquenta anos depois. Vide, por exemplo, o que Freud fala sobre a igreja: “[t]odo cristão ama

<sup>27</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Op. Cit., p. 94.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 108.

<sup>30</sup> Destacamos também, que além do próprio Freud se faz presente também uma significativa influência lacaniana na teorização de Althusser, principalmente de seu famoso *O Estádio do Espelho*, no qual Lacan nos chama a atenção para a questão da “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. Ver em: Lacan, Jacques: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 97.

<sup>31</sup> Gillot, Pascale: *Althusser e a Psicanálise*. Op. Cit.

Cristo como seu ideal e se sente unido com os demais cristãos através do laço dessa identificação”<sup>32</sup>, e sobre o exército: “[é] óbvio que o soldado toma seu superior, isso é, o líder do exército, como seu ideal, enquanto ele se identifica com seus iguais e, dessa comunidade de egos, deriva as obrigações de ajuda mútua e compartilhamento de posses, implícitas na ideia de camaradagem”<sup>33</sup>. Mesmo que destacado de uma teoria da ideologia, Freud já teorizava a interpelação ideológica com perfeição.

Além disso, destacamos ainda um último elemento fundamental da teoria althusseriana da ideologia: *a ideologia se funda na ilusão de autonomia, de autocontrole*. Pela ideologia, os sujeitos dotados de identidade acreditam ter o controle de suas ações. “O ator forja a fantasia de que ele é ele mesmo o senhor e mestre de seu destino, e acredita nessa fantasia”<sup>34 35</sup>. Todo sujeito é, necessariamente, também assujeitado. Pela ideologia, o sujeito não só toma uma identidade e reproduz as relações de produção, ele acha que o faz porque quer.

### As lacunas de Althusser

Em *Ideologias e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser nos dá elementos fundamentais. Não apenas uma inovadora teorização da Ideologia, mas também (tema fundamental hoje, mais de 30 anos após sua morte) uma teorização sobre a formação de identidades. Entretanto, o texto althusseriano tem alguns silêncios, algumas lacunas que deveriam deixar em alerta todo leitor familiarizado com o conceito de leitura sintomal<sup>36</sup>. Destacamos dois silêncios que acreditamos ser os mais sintomáticos. O primeiro, diz respeito à própria teoria da interpelação ideológica. Lembremos que Althusser afirma que a Ideologia “*tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos*”<sup>37</sup>. Mas, o que são indivíduos concretos? Althusser não explica. E a coisa piora se lembrarmos que, em outros textos, como, por exemplo, *A Querela do Humanismo*, ele não só critica o Marx de *A Ideologia Alemã* por usar a categoria de “indivíduos concretos”, mas declara enfaticamente: “A noção de indivíduo também é um obstáculo epistemológico de monta”<sup>38</sup>. Por que uma noção, explicitamente rejeitada em outros textos, reaparece em I-AIE? Muito estranho.

Não à toa, no próprio I-AIE, Althusser, dando o exemplo de uma criança que mesmo antes de nascer já carrega o Nome do Pai, já possui uma identidade, uma sexualidade, etc, “volta atrás” em sua formulação inicial e declara: “como a ideologia é eterna<sup>39</sup>, vamos suprimir a forma da temporalidade na qual representamos o funcionamento da ideologia e afirmar: a

<sup>32</sup> Freud, Sigmund: *Group Psychology and The Analysis of the Ego*. University of Michigan and the Onçine Distributed Proofreading Team, 2011, p. 30.

<sup>33</sup> *Id.*

<sup>34</sup> Ípola, Emílio: *Althusser: the infinite farewell*. Durham e Londres: Duke University Press, 2018, p. 65.

<sup>35</sup> Mais uma vez, fica nítida a inspiração espinosista de Althusser: “os seres humanos têm a opinião de que são livres por estarem cõscios das suas volições e das suas apetências, e nem por sonhos lhes passa pela cabeça a ideia das causas que os dispõem a apetecer e a querer, visto que as ignoram”. Ver em: Espinosa, Baruch: *Pensamentos Metafísicos; Tratado de Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência*. *Op. Cit.* p. 123.

<sup>36</sup> Ler o que é ilegível, invisível em determinado texto devido à sua problemática (questões que orientam a teoria), explorar seus silêncios, suas lacunas. Ver em: Althusser, Louis: *Lire le Capital I*. Paris: Maspero, 1973.

<sup>37</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>38</sup> Althusser, Louis: *A Querela do Humanismo*. Crítica Marxista. Campinas: n. 9, 1999, p. 40.

<sup>39</sup> Para Althusser, a Ideologia (em sua estrutura e seu funcionamento gerais, não em suas manifestações particulares, que ele chama de ideologias - minúsculo) está presente em todas as sociedades de classe. Ver em: Althusser Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, *Op. Cit.*, p. 74 -75).

ideologia sempre-já interpelou os indivíduos em sujeitos”<sup>40</sup>. Porém, quatro páginas à frente, numa nota de rodapé, mesmo reconhecendo o caráter ideológico da categoria de “indivíduo”, ele afirma que continuará usando-a devido ao “cômodo efeito de contraste que [ela] produz”<sup>41</sup>. Continuará usando uma categoria ideológica. O mesmo Althusser, conhecido pela sua preocupação com o rigor conceitual, o mesmo Althusser que declarava que “a luta filosófica pelas palavras é parte da luta política”<sup>42</sup>. Tudo muito estranho.

Além disso, a segunda lacuna no texto Althusseriano (que, como veremos, se associa diretamente à primeira) é, nada menos do que: a (quase) ausência da luta de classes. Sobre este aspecto, ninguém menos que o próprio Althusser aborda a questão explicitamente em seu *Elementos de Autocrítica* (publicado em 1974, três anos depois de I-AIE). No escrito em questão, após culpar Espinosa pelo seu déficit de luta de classes<sup>43</sup>, ele afirma enfaticamente que produziu uma teoria da Ideologia puramente como um elemento constante da existência histórica, sem conectá-la de maneira orgânica ao conceito de luta de classes: “eu vi a ideologia como um elemento universal da existência histórica, e, naquele tempo, não fui além disso. Assim, eu desconsidereei a diferença entre as regiões da ideologia e os antagonismos de classe que as atravessam, as dividem, as reagrupam e as opõe”<sup>44</sup>.

Nesse ponto, consideramos a autocrítica de Althusser insuficiente: muito além de atravessar, dividir, reagrupar e opor a Ideologia, a luta de classes a constitui. E aqui, as duas lacunas se encontram: *eis, para nós, a função da categoria de indivíduo, tampar essa omissão da luta de classes na constituição da Ideologia*. Vejamos como isso se dá.

### A Ideologia interpela o “povo em sublevação” em identidades

Em seu clássico *Ler o Capital*, Althusser nos mostra como uma problemática (questões que organizam a teoria), por definição, sempre exclui elementos que passam a não poder ser vistos dentro de determinado quadro teórico. “É o campo da problemática que define e estrutura o invisível como o excluído definido, excluído do campo de visibilidade”<sup>45</sup>. São os exemplos da teoria do flogisto que era incapaz de “ver” o oxigênio e da Economia Política Clássica que era igualmente incapaz de “ver” a mais-valia.

Ora, nos parece que as lacunas no próprio texto de I-AIE também devem ser explicadas pela invisibilização imposta pela problemática escolhida por Althusser. Neste sentido, lembremos que a questão inicial, a questão que condiciona a teorização althusseriana, era, basicamente, a seguinte: “como a Ideologia garante a reprodução das relações de produção?”. Aqui, a problemática althusseriana é a problemática da *reprodução*.

Porém, apesar da questão da reprodução ser *fundamental* para se pensar a Ideologia, acreditamos que não é possível teorizá-la por completo sem recorrer a uma outra problemática,

<sup>40</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Op. Cit., p. 102.

<sup>41</sup> *Ibid*, p.106

<sup>42</sup> Althusser, Louis: “Philosophy as a Revolutionary Weapon”. In: *Lenin and Philosophy and Other Essays*. Nova Iorque e Londres: Monthly Review Press, 2001, p. 1968.

<sup>43</sup> “Claramente, um marxista não pode fazer um desvio via Espinosa sem pagar por isso. Porque a aventura é perigosa, e não importa o que você faça, não é possível encontrar em Espinosa o que Hegel deu a Marx: Contradição”. Ver em: Althusser, Louis: *Essays in Self Criticism*. NLB, 1976, p. 114.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>45</sup> Althusser, Louis: *Lire le Capital I*. Op. Cit., p. 26.

uma problemática que faz falar os silêncios que reinavam até então, a problemática da revolução. Ora, uma vez abordada pela problemática da revolução, a Ideologia (sem negar sua função imprescindível de fazer funcionar a função-Träger, de garantir que os lugares necessários à reprodução das relações de produção serão ocupados) assume um novo papel, até então invisibilizado: o de fragmentar o povo<sup>46</sup> em sublevação em identidades, de atomizar a multidão em revolta. A Ideologia aparece como detentora da função de impedir o encontro frutífero entre as classes, frações e forças sociais dominadas na forma do povo. Nas palavras de Jodi Dean (junto com Montag<sup>47</sup>, referência central para tal leitura do conceito de Ideologia): “a multidão, essa massa compacta, um *locus* de múltiplas trocas, onde individualidades se diluem entre si, é abolida e substituída por uma coleção de individualidades separadas<sup>48</sup>. Pensemos no próprio quadro do maio de 68 pintado por Althusser: uma fusão virtual entre estudantes/intelectuais e trabalhadores que não ocorreu, comprometendo assim o desenvolvimento do processo revolucionário que poderia começar ali. Pensemos no porquê essa fusão falhou em tomar corpo. Estudantes, isolados em sua identidade, isolam-se também na Sorbonne não indo ao encontro dos trabalhadores que, também presos em sua identidade, isolam-se nas fábricas e nos sindicatos da CGT, não indo ao encontro dos estudantes. Impedir formação povo em sublevação, impedir um encontro duradouro entre as forças antagônicas aos MPC, eis o papel da Ideologia na revolução.

E assim, fica claro o porquê da noção ideológica de “indivíduo concreto” ter saltado no texto althusseriano. *Pois a verdadeira figura que é interpelada, o povo em sublevação, só é pensável pela problemática da revolução.* A categoria de indivíduo cumpre, na verdade, a função de preencher um vazio constitutivo de uma teoria da Ideologia concebida apenas através da reprodução. Eis aí também, a resposta para o mistério de onde foi parar a luta de classes: não é só em seu papel de atravessar, dividir, reagrupar e opor a Ideologia que ela se manifesta, mas na luta decisiva, feita pelo povo, para a derrubada do Modo de Produção Capitalista, na luta contra sua reprodução, luta a qual toda a Ideologia busca suprimir interpelando esse povo em identidades. Althusser, dizia: “[...] os sujeitos ‘andam’, ‘andam sozinhos’ na imensa maioria dos casos [...]”<sup>49</sup>. No caso, o termo “sozinhos” é sinônimo de “por (ilusão de) vontade própria”, sem precisar de repressão, porém, a partir de nossa leitura sintomal, através da perspectiva da revolução, um outro sentido aparece: *os sujeitos andam sozinhos, isolados em suas identidades.*

Além disso, também acreditamos que nossa leitura possa ser feita “de trás pra frente”, ou seja, não só as identidades se constituem para fragmentar o povo, mas frente a uma multidão em sublevação, a interpelação ideológica perde algo de sua eficácia. O verdadeiro inimigo da ideologia é o povo em sublevação. Ao integrarmos o povo, somos menos sujeitos. Nesse sentido, em sua clássica polêmica contra John Lewis, Althusser nos fornece uma passagem formidável:

As massas são, na verdade, diversas classes sociais, estratos e categorias sociais, agrupadas de maneira complexa e cambiante (as posições das diferentes classes, extratos e frações mudam ao longo do processo revolucionário). E aqui estamos lidando com números massivos: na França e na Inglaterra, por exemplo, dezenas de milhões de pessoas. Na

<sup>46</sup> Usamos aqui o conceito de povo tal como concebido em estado prático por Mao Tse-Tung. Ou seja, como a união contraditória entre todas as classes, frações e forças sociais sustentada por um antagonismo em comum com as classes dominantes. Ver em: Mao Tse-Tung: *Textes choisis de Mao Tsetoung*. Pekin, 1972, p. 469.

<sup>47</sup> Montag, Warren: *Althusser and His Contemporaries: Philosophy's Perpetual War*. Op. Cit.

<sup>48</sup> Dean, Jodi: *Crowds and Party*. Nova Iorque, Verso: 2016, p. 109.

<sup>49</sup> Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Op. Cit., p. 112.



China, centenas de milhões! Não façamos aqui mais do que perguntar uma simples questão: podemos ainda falar de um ‘sujeito’, identificável pela unidade de sua ‘personalidade’? Comparado com o sujeito de John Lewis, ‘o homem’, as massas, consideradas enquanto um sujeito, colocam rigorosos problemas de identificação”<sup>50</sup>.

No movimento de massas, falar em sujeito perde seu sentido. Nos deparamos com “problemas de identificação”. Nada é mais danoso à Ideologia do que, justamente, o fantasma que ela busca exorcizar. Não à toa, em sua tocante autobiografia (*O futuro dura muito tempo*), Althusser nos fornece um relato de como, justamente sua participação na política de massas, em grandes manifestações, faz se dissolver nele seus desejos de controle e autonomia (lembramos, traços centrais da Ideologia): “engolido em vastas multidões (em marchas e reuniões), envolvido na ação e na luta, eu estava finalmente feliz, à vontade. Não estava mais obcecado com minhas fantasias sobre estar no controle”<sup>51</sup>. Na política de massas, a identidade, a forma sujeito, se enfraquecem, (parcialmente, ao menos) se dissolvem.

### O exemplo da política identitária

Uma das razões para I-AIE ser um texto profundamente atual, é sua importância expressiva para se pensar a questão da formação de identidades. Numa época em que se crê possível fazer política tendo como elemento central as identidades dos “sujeitos políticos”, a teoria althusseriana se mostra como fundamental para se pensar uma política não-identitária. Nesse sentido, para finalizar este capítulo escolhemos usar nossa leitura da teoria da ideologia de Althusser justamente para refletirmos sobre a *política identitária*. Para isso, recorreremos ao fundamental livro de Asad Haider, *Armadilhas da Identidade*<sup>52</sup>.

Dentre as diversas reflexões teóricas ali presentes, Haider nos fornece, em dado momento, um relato autobiográfico indispensável para o entendimento de como funciona a interpelação ideológica. No exemplo em questão, Haider nos conta um episódio sobre sua experiência na militância junto ao movimento estudantil da Universidade da Califórnia. O caso é autobiográfico, mas faz jus à expressão “universal no particular”, é facilmente generalizável. A história é curta e familiar: violência policial. Darren Wilson, policial branco acusado de assassinar Michael Brown fora inocentado pelo Júri, causando uma indignação geral. O sentimento de ultraje se espalha. Rapidamente começam rumores sobre manifestações. Massas na rua. Começam a organizar-se protestos. Nesse quadro, a Ideologia manifesta seus efeitos. Alguém interpela os estudantes que pensavam em protestar: “quem são vocês, brancos, para falar de racismo?” “pode um branco protestar contra o racismo?” “e os pardos, não sofrem eles menos racismo que os negros?”. Em suma: “reconheçam suas identidades e façam uma política de acordo!”. O mundo da Ideologia (no caso, da ideologia racial) é o da fragmentação em identidades estanques. Cada um: “negros”, “brancos”, “pardos”, “asiáticos” que cuidem de seus próprios problemas. No fim das contas, os comícios e passeatas tomaram a seguinte forma:

Isso ocorreu em todo o país, com o separatismo e excepcionalismo negro sendo um ponto de partida assumido. Em passeatas que muitos

<sup>50</sup> Althusser, Louis: “Reply to John Lewis”. In: Althusser, Louis: *On Ideology*. Londres e Nova Iorque: Verso, 2008, p. 89-90.

<sup>51</sup> Althusser, Louis: *The Future Lasts Forever: A Memoir*. Op. Cit., p. 200.

<sup>52</sup> Haider, Asad: *Armadilha da Identidade*. São Paulo: Veneta, 2019.

de nós participamos em Oakland, os comícios eram liderados por políticos e burocratas de organizações sem fins lucrativos que alertavam sobre os ‘agitadores de fora’ brancos que poderiam tentar instigar a violência. Diziam que somente negros deveriam pegar o microfone; que somente negros deveriam ter funções de liderança; que os negros deveriam estar na frente da passeata, com os brancos ‘aliados’ no final e os ‘pardos’ permitidos no meio<sup>53</sup>.

Bloco dos negros na frente, dos pardos no meio, e dos brancos atrás, nada ilustra melhor o efeito da Ideologia. A questão passa a ser a busca pelo reconhecimento de uma identidade tomada como natural<sup>54</sup>. É uma manifestação de massas, mas todos estão presos em suas identidades, todos “andam sozinhos”. Trata-se uma que ideologia que “enfraquece a possibilidade de auto-organização coletiva”<sup>55</sup>. A experiência da luta popular enquanto dissolvidor de identidades sai de cena. Entra uma pseudo-multidão dividida em segmentos na qual todos igualmente pensam “sim, sou eu!”.

Nesse ponto, a reflexão de Haider se encontra com a nossa: “[...] ideologias de unidade racial [...] [funcionam] claramente como um bloqueio ao desenvolvimento de uma política de massa antagonica”<sup>56</sup>. Ou seja: por mais paradoxal que seja, o caminho para superar a política identitária aparece, à luz da teoria althusseriana, como só um: organizar a política de massas, invocar os fantasmas que a Ideologia exorciza.

### Considerações finais

Finalmente, gostaríamos de propor uma última reflexão. Se é correta a nossa tese de que a noção ideológica de *indivíduo* proposta por Althusser em I-AIE é uma maneira de cobrir uma lacuna gerada pelo recalçamento do ponto de vista da revolução, do povo em sublevação, o que isso diz sobre o caráter geral do pensamento de Althusser? Para nós isso é sinal de que se trata de um corpus teórico profundamente revolucionário. Não é todo pensamento que produz lacunas, contradições, quando se recalca a perspectiva da revolução. Existem teorias da reprodução social que são cristalinas, isentas de contradições. Não é todo texto que se incomoda em ser reduzido à perspectiva da reprodução. O que são esses sintomas, afinal, se não uma resposta do próprio pensamento althusseriano contra a tentativa de Althusser de restringir suas reflexões ao ponto de vista da reprodução? *Teoria althusseriana contra Louis Althusser, o texto contra o autor*. Quando Althusser tenta limitar sua própria teoria ao prisma da reprodução, ela grita, ou melhor, gagueja, silencia. Resistir ao próprio autor: eis a prova de fogo que nem toda teoria consegue passar. Não nos parece haver maior testemunho do caráter revolucionário do pensamento althusseriano.

---

<sup>53</sup> *Ibid.* p. 65.

<sup>54</sup> *Ibid.*

<sup>55</sup> *Ibid.* p. 49.

<sup>56</sup> *Ibid.* p. 64.